

# AS METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO COMO MEIO DE OPORTUNIZAR UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O PAPEL DO PROFESSOR NESSE PROCESSO

Active Learning Methodologies in Education as a Means to Foster Meaningful Learning and the Role of the Teacher in this Process

Me. Bianca Cristina Buse<sup>1</sup>

## RESUMO

A proposta de metodologias ativas não é algo novo. Comprovadamente, há tempo já se fala da real necessidade de se oportunizar meios / estratégias para que os alunos participem ativamente do processo de construção do conhecimento. Contudo, para além de conhecer e/ou inserir uma prática com metodologia ativa, antes de tudo é imprescindível compreender que o ponto chave está no engajamento/envolvimento do aluno para sua participação ativa e reflexiva no seu processo de aprendizagem. Portanto, não é a nomenclatura de metodologias ativas que fará a grande diferença, mas sim como o professor irá conduzir esse processo, que estratégias irá adotar, de acordo com a realidade da sua turma e com o objetivo a ser alcançado. Assim, neste texto, que traz uma reflexão sobre a importância do papel do professor nessa mudança de prática pedagógica, vamos reforçar a relevância da inovação na Educação, resgatar o que pode ser considerado como metodologia ativa e por que e destacar algumas possibilidades de metodologias ativas, apresentando uma breve conceitualização. Por fim, salientamos a necessidade de o profissional docente estar sempre aberto às atualizações e novos conhecimentos para acompanhar as mudanças e transformações do tempo, dos contextos, dos alunos e do mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologias ativas; Práticas pedagógicas; Formação continuada do professor

## ABSTRACT

The proposal of active methodologies is not a recent concept. The need to provide means and strategies for students to actively participate in the knowledge construction process has been widely acknowledged for some time. However, beyond knowing and/or implementing an active methodology practice, it is essential to understand that the key point lies in engaging students in active and reflective participation in their learning process. Therefore, it is not the nomenclature of active methodologies that will make the biggest difference, but rather how the teacher will conduct this process, what strategies they will adopt, according to the reality of their class and the objective to be achieved. Thus, in this text, which reflects on the importance of the teacher's role in this change in pedagogical practice, we will reinforce the relevance of innovation in Education, rescue what can be considered as active methodology and why, and highlight some possibilities of active methodologies, presenting a brief conceptualization. Finally, we emphasize the need for teachers to be always open to updates and new knowledge to keep up with the changes and transformations of time, contexts, students, and the world.

**KEYWORDS:** Active methodologies; Pedagogical practices; Continuous teacher training

<sup>1</sup> Discente; doutorado em Educação PPGE/UFPR; [biancabuse@yahoo.com](mailto:biancabuse@yahoo.com)



## 1. Atualizações e inovações necessárias na prática docente

A necessidade de atualização das práticas pedagógicas para atender a novas demandas, novos contextos e aos alunos do mundo de hoje é real, constante e urgente. Com a pandemia de Covid-19, a exigência do ensino remoto e todas as mudanças que se fizeram necessárias durante todo esse tempo, a importância da atualização docente ficou ainda mais evidente, em especial no que diz respeito ao uso das tecnologias como recurso para possibilitar a comunicação (e o encontro, nos momentos que não foi possível estar presente devido às restrições) e estratégias e metodologias que envolvam os alunos, os coloquem como protagonista, também estimulando o desenvolvimento de sua autonomia, aprimorando, assim, as práticas pedagógicas e oportunizando uma aprendizagem mais significativa. Para reforçar isso, trazemos aqui a contribuição de Thuinie Daros, presente no capítulo “Por que inovar na educação?”, publicado no livro *A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo* (CAMARGO; DAROS, 2018):

Criar condições de ter uma participação mais ativa dos alunos implica, absolutamente, a mudança da prática e o desenvolvimento de estratégias que garantam a organização de um aprendizado mais interativo e intimamente ligado com as situações reais. Por isso, a inovação na educação é essencialmente necessária. A inovação é uma das formas de transformar a educação. (CAMARGO; DAROS, 2018, p. 4).

Agora, mais do que nunca, tem-se falado muito em metodologias ativas. No entanto, vale ressaltar que este conceito não é novo, na verdade, a ideia em si, de oportunizar a participação ativa do aluno no seu processo de aprendizagem, já vem sendo proposta há muito tempo. Tal como nos aponta o Prof. Dr. João Mattar, já na abertura do seu livro *Metodologias ativas para a educação presencial, blended e a distância*, Paulo Freire “já defendia uma postura mais ativa dos alunos no processo de aprendizagem.” (MATTAR, 2017, p. 19).

Da mesma forma, José Moran, no livro *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*, também evidencia que muitos outros estudiosos da Educação já há tempo, e de formas diferentes, apontavam que as pessoas aprendem de forma ativa, como Dewey; Ausubel; Rogers; Piaget; Vygotsky e Bruner, entre outros (MORAN, 2018, p. 2-3).

Sendo assim, a proposta de metodologias ativas não é novidade e já vem sendo discutida, pensada e repensada há bastante tempo. Ora com nomenclaturas diferentes, ora



com alguma indicação nova, mas sempre discutindo a importância de se ter um aluno mais protagonista no seu processo de aprendizagem.

Contudo, vale também destacar que, quando nos referimos aqui ao protagonismo do aluno, não estamos colocando o aluno, sozinho, no centro desse processo – como se fosse ele quem, agora, decidisse o que e como vai estudar – não é isso. A ideia é de um aluno participativo realmente, que reflita, que questione, que traga suas contribuições, que desenvolva, cada vez mais, sua autonomia, mas, nesse processo de ensino e aprendizagem, o foco está na relação que se estabelece entre professor / aluno / meio / contexto / conhecimento. Nenhum desses elementos anda sozinho, nenhum tem mais relevância que o outro de forma isolada; mas, em harmonia, correspondem a uma combinação de sucesso.

De acordo com Andrea Filatro e Carolina Costa Cavalcanti, no livro *Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa*, podemos dizer, então, que metodologias ativas:

[...] permitem que estudantes e profissionais assumam o protagonismo de sua aprendizagem. As metodologias ativas são estratégias, técnicas, abordagens e perspectivas de aprendizagem individual e colaborativa que envolvem e engajam os estudantes no desenvolvimento de projetos e/ou atividades práticas. No contexto em que são adotadas, o aprendiz é visto como um sujeito ativo, que deve participar de forma intensa de seu processo de aprendizagem (mediado ou não por tecnologias), enquanto reflete sobre aquilo que está fazendo. (FILATRO, CAVALCANTI, 2018, p. 12).

Portanto, uma metodologia, uma estratégia, uma abordagem pode ser considerada ativa se tiver como objetivo oportunizar meios para que o aluno participe ativamente do processo de construção do conhecimento, uma vez que as metodologias ativas “convidam o aluno a abandonar sua posição receptiva e a participar do processo de aprendizagem por novas e diferentes perspectivas, como decisor, criador, jogador, professor, ator, pesquisador” (MATTAR, 2017, p. 22).

Ainda é relevante apontar que, para que o aluno participe ativamente do processo de construção do conhecimento, ele precisa se envolver com a proposta, para se engajar e, então, agir – ou seja, participar de forma ativa –, sempre sendo instigado a refletir sobre todo esse processo. É nesse momento que as metodologias ativas são bem-vindas, justamente para envolver o aluno e possibilitar que ele atue como protagonista. Por isso, é justo salientar que não é uma metodologia ativa que fará toda a diferença – mas é a escolha da estratégia mais adequada, para cada contexto (considerando o seu aluno, sua realidade



e seu objetivo), com o intuito de proporcionar esse engajamento que possibilitará momentos ricos de aprendizagem significativa.

## 2. Quais são as metodologias ativas possíveis?

Como foi dito anteriormente, o importante é oportunizar o engajamento do aluno, sua participação ativa no processo de aprendizagem e a reflexão sobre essas vivências para que se possa estabelecer novas relações. Dessa forma, muitas estratégias, abordagens, encaminhamentos e metodologias podem atender a essa proposta, dependendo da forma como são conduzidas. Corroborando com isso, Cortelazzo et al. (2018, p. 107) enfatizam que metodologias ativas podem ser identificadas como:

(...) qualquer atividade onde os estudantes ficam envolvidos em fazer algo e pensar no que estão fazendo. São atividades que tiram o estudante da posição passiva de apenas “receptores” de informação, para uma posição mais ativa de “construtores” de sua própria aprendizagem. Assim, qualquer atividade é válida, desde que devidamente planejada e contextualizada aos objetivos pedagógicos daquele componente curricular. (CORTELAZZO *et al.*, 2018, p. 107).

Sendo assim, não é a nomenclatura de metodologia ativa que faz a diferença, até porque pode não ser uma metodologia em si, mas talvez uma abordagem, uma estratégia, um encaminhamento etc. Como muito bem apontado por José Moran, “A ênfase na palavra ativa precisa sempre estar associada à aprendizagem reflexiva, para tornar visíveis os processos, os conhecimentos e as competências do que estamos aprendendo em cada atividade.” (MORAN, 2018, p. 3).

A partir dessa compreensão, vamos destacar aqui algumas propostas de metodologias ativas, trazendo uma breve conceituação, entretanto já reforçando que não são as únicas possíveis, mas que foram selecionadas por serem bastante comentadas na área de Educação.

### ❖ Sala de aula invertida

Tal como o próprio nome já indica, a proposta de sala de aula invertida é justamente “inverter” aquele processo mais comum de aula – no qual, normalmente, os alunos vão para a aula para ter contato com o tema/conteúdo/objeto de estudo e, a partir disso, desenvolver práticas. Na sala de aula invertida, esse contato já se inicia antes mesmo da aula, por meio de propostas indicadas pelo professor (seja de vídeos,



áudios, textos, pesquisas a serem realizadas, pequenos desafios etc.), e, no momento da aula, os alunos irão tirar dúvidas sobre o que já estudaram, aprofundar e/ou ampliar com o auxílio do professor e dos outros colegas de classe. Portanto, a ideia aqui é de autonomia em um primeiro momento e de interação/trocas/compartilhamento na sequência. Com isso, aproveita-se melhor o tempo presencial, já que a parte de introdução ao tema/conteúdo já foi realizada antes, e otimiza-se o momento em conjunto para estabelecer novas relações e construir o conhecimento de forma mais significativa. (BERGMANN, 2020).

❖ **Peer instruction (instrução por pares / aprendizagem por pares)**

A proposta de *peer instruction*, ou aprendizagem por pares, baseia-se na ideia de que aprendemos mais quando trocamos, compartilhamos e ensinamos – o que é, realmente, bastante efetivo! Assim, aqui o objetivo é estimular que os alunos interajam em duplas (podem ser pequenos grupos também) a respeito de um conteúdo já lido/estudado por eles antes (pode ser uma sequência da sala de aula invertida) e compartilhem o que entenderam e/ou discutam as respostas de uma atividade realizada por eles individualmente, comparando e argumentando sobre suas escolhas, baseados nos estudos realizados. Dessa forma, eles precisam retomar o conteúdo/tema e, ao mesmo tempo, ampliar o olhar a respeito das questões debatidas, considerando também o ponto de vista do outro (e/ou argumentando até chegarem ao consenso de uma única resposta). É uma prática bastante significativa. (FILATRO, CAVALCANTI, 2018).

❖ **Aprendizagem baseada em problemas**

Iniciar as discussões de uma aula a partir da análise de um problema é o objetivo desta proposta que visa à interação, engajamento, investigação, análise e reflexão. Aqui os alunos são colocados em contato com uma situação-problema apresentada e bem contextualizada e desafiados a refletir sobre a questão para encontrar alguma solução/proposta (é importante indicar o que se pretende – isso direciona as práticas). Dessa forma, eles precisam, com a ajuda do professor, identificar o que já sabem a respeito da questão, quais são os temas/conteúdos envolvidos nisso, o que será necessário ampliar/pesquisar/retomar e organizar a construção de relações possíveis para chegar à solução. Nesse tipo de proposta, além do aprendizado



ocorrido com as trocas entre os integrantes dos grupos, também há a integração dos saberes de diferentes componentes curriculares. (MUNHOZ, 2016).

#### ❖ **Aprendizagem baseada em projetos**

Muito próxima da proposta da Aprendizagem baseada em problemas, aqui também parte de um problema, mas de uma situação real, e a diferença está, basicamente, na entrega de um projeto como resultado (como um produto tangível). Além da contextualização do problema e discussão, também envolve pesquisas e investigação das causas, elaboração de hipóteses, definição de estratégias, construção de um plano de ação e execução/produção do que será entregue. Normalmente é realizado num período de tempo maior e pode integrar diferentes áreas do conhecimento – justamente porque parte da análise de um problema real. (BENDER, 2014).

#### ❖ **Aprendizagem baseada em jogos e Gamificação**

Aprendizagem baseada em jogos tem como premissa o uso de jogos no processo ensino-aprendizagem, ou seja, usa jogos para melhorar a experiência de aprendizagem dos alunos. Já a gamificação não é a aplicação de um jogo fechado (como no caso da Aprendizagem baseada em jogos), mas o uso de elementos do *design* e linguagem de jogos em alguma proposta (que não um jogo) como desafios, recompensa e feedback, níveis de dificuldade etc. Ambas têm o objetivo de envolver e engajar os alunos para participação ativa no seu processo de aprendizagem. (MATTAR, 2017).

#### ❖ **Estudo dirigido**

É uma estratégia já bastante conhecida e muito eficaz na proposta de inserir o aluno como protagonista no processo de aprendizagem e também já ajuda aqueles que ainda não têm segurança em “como” estudar sozinhos. O Estudo Dirigido trata-se de uma proposta de “roteiro” de estudo, em que o professor indica várias etapas/atividades/caminhos para que os alunos, individualmente ou em pequenos grupos, possam pesquisar, investigar, analisar, comparar, estabelecer relações e, sobretudo, desenvolver um pensamento mais reflexivo e análise crítica. (MIRANDA, 2017).



### 3. Considerações finais

É importante destacar aqui que essas são apenas algumas possibilidades de metodologias ativas e que, inclusive, podem ser usadas de forma combinada nas aulas.

A bem da verdade, uma metodologia, vários métodos, algumas estratégias, nomenclaturas diferentes – o que importa, realmente, é o resultado que se consegue a partir disso. É sempre interessante conhecer, estar bem fundamentado até para poder fazer as melhores escolhas e inclusive as adaptações que forem precisas – mas não se pode, nunca, perder de foco o grande objetivo: oportunizar aos alunos possibilidade de crescimento, de construção, de aprendizagem. E, para isso, antes de tudo, é preciso conhecer os seus alunos, entender suas realidades, saber o que se quer fazer, para, então, escolher o melhor encaminhamento para isso, sempre com foco no protagonismo dos alunos.

Para tanto, independente se forem aulas presenciais, se houver aulas on-line ou se seu planejamento seja para um momento assíncrono, é fundamental que o professor pense em estratégias que façam o aluno resgatar seu conhecimento prévio, pensar, se questionar, refletir, buscar, argumentar, estabelecer novas relações e, então, construir o conhecimento (e essa etapa final não ocorrerá sempre em todas as aulas – muitas vezes, são precisos vários momentos para chegar nessa etapa, afinal, é um processo).

Além disso, vale ressaltar que apenas pensar no uso dos recursos digitais não é o suficiente e não garante que haverá melhoria no processo educacional. É preciso ir muito além disso. As tecnologias, os recursos digitais são muito úteis, desde que usados dentro de um planejamento que oportunize o protagonismo do aluno e que agregue uma prática diferenciada com melhores resultados. O que, aliás, não é nenhuma novidade, como já apontado por Brito e Purificação em 2006:

Alguns educadores consideram que a simples utilização desses meios [tecnologias educacionais] é suficiente para garantir um “avanço” na educação. Entretanto, só o uso não basta; se as tecnologias educacionais não forem bem utilizadas, garantem a novidade por algum tempo, mas não que realmente aconteça uma melhoria significativa na educação. (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2006, p. 31-32).

São as estratégias que farão a diferença – e elas vão variar de acordo com os alunos; com o contexto; com o objetivo das aulas; com o conteúdo/objetos de conhecimento/habilidades desenvolvidos; com a estrutura / suporte disponível; com o



tempo etc. Ou seja: não há receita pronta. Não há padronização que dê conta de tudo. Não há uma única possibilidade – ainda bem!

E, para fechar essa reflexão, é válido lembrar que:

Se as mudanças na educação dependessem somente de currículos mais flexíveis, metodologias ativas e tecnologias híbridas, seria mais fácil conseguir realizá-las. Porém, essas alterações dependem de pessoas que foram educadas de forma incompleta, com competências desiguais, valores contraditórios e práticas incoerentes com a teoria. [...] Precisamos mudar a educação para poder mudar o mundo, começando por nós mesmos. (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 37).

Portanto, é imprescindível que o professor, antes de mais nada, esteja aberto às mudanças; que se permita a conhecer o novo; que se permita inovar e, sempre, continuar aprendendo para poder seguir mediando o processo de aprendizagem com maestria.

#### 4. REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação.** (Orgs.). Porto Alegre: Penso, 2015.

BENDER, William N. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI.** Porto Alegre: Penso, 2014.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem.** Rio de Janeiro: LTC, 2020.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo.** Porto Alegre: Penso, 2018.

CORTELAZZO, Angelo Luiz et al. (Org.). **Metodologias ativas e personalizadas de aprendizagem: para refinar seu cardápio metodológico.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina Costa. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa.** São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

MIRANDA, Gilberto José. O estudo é dirigido, mas o aluno é o piloto. In: LEAL, Edvalda Araújo et al. (Orgs.). **Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem.** São Paulo: Atlas, 2017.

MATTAR, João. **Metodologias ativas para a educação presencial, blended e as distância.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.





MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

MUNHOZ, Antonio Siemsen. **ABP – Aprendizagem Baseada em Problemas**: ferramenta de apoio ao docente no processo de ensino e aprendizagem. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

